

Cultura *medeiat*ica: cruzamento entre universo material e imaginário

Paulo Bellinha

*A idéia de que se pode definir **homo** dotando-lhe da qualidade de **sapiens**, quer dizer, de um ser razoável e sábio, é uma idéia pouco razoável e pouco sábia. **Homo** é também **demens** (...) Existe no ser humano um foco permanente de **Hybris**, a desmesura dos gregos.*

MORIN, Edgar

No universo societal contemporâneo, com o sujeito cindido pela utilização corrente de várias máscaras, uma ressalva deve ser feita: ainda não se refletiu o suficiente sobre as condições em que se produz o encontro entre o universo material e o universo do imaginário, os dois grandes eixos das análises sociológicas atuais. É sobre esta tarefa que vamos nos debruçar.

O balanço das análises feitas sobre a socialidade contemporânea nos conduz a compreender o tribalismo como um processo em espiral - em oposição à visão unicamente histórico-linear-evolucionista - de desenvolvimento das relações sociais. Seguindo o pensamento de Michel Maffesoli a propósito dos diversos tipos de nomadismo que conduzem à identificações sucessivas às várias tribos contemporâneas, poderíamos dizer que esta prática seria uma forma criativa de escape ao eterno conflito dicotômico entre Eros e Tanatos, ou ainda entre Bem e Mal, a vida e a morte; em suma, às formas clássicas de oposição.

Assim, a insurreição frente às formas pré-estabelecidas de relações sociais, outrora enfeitadas por esta dicotomia, traduziria um enfraquecimento das certezas quanto aos objetivos a atingir. Levando esta hipótese às últimas consequências, chegamos à seguinte constatação: na sua errância, o homem teria ultrapassado os eventos históricos, e, qual

monge errante giróvago, se conduz aos advenços futuros. A proliferação de seitas místicas, largamente destacada pela mídia, seria um dos traços deste movimento.

A intenção aqui é de tentar compreender este mesmo processo situando-o dentro do quadro altamente urbanizado das sociedades contemporâneas, onde a larga utilização de utensílios mediáticos nos remete a uma reflexão sobre o tema do viajante através da bacia imaginária da tela como uma atitude cotidiana. Para escapar da dureza da selva urbana, o homem se projeta dentro de seu próprio fundo, seu vazio interior, sua capacidade criativa, e a partir deste mergulho se conecta ao mítico. Desta maneira, ele se constrói um universo novo, num panegírico visando a levar em conta seus prolongamentos oníricos.

O que nos interessa aqui é a participação de mitos no cotidiano urbano. Assim, se é na bacia material da cidade - chamemos assim seus espaços físicos - que se cruzam os diversos personagens do *theatrum-mundi* do imaginário, é lá também que acontecem as tragédias cotidianas. Mas acordemos primeiro sobre o sentido desta última expressão: queremos falar sobre estes momentos de abandono e alegria intensos vividos cotidianamente.

As cidades possuem o que Pierre Sansot chama de *memória da pedra*, o *genius loci* que evoca Michel Maffesoli (Maffesoli, 1991, p.193-208), e é nesta perspectiva que poderemos pesquisar o *mito ontológico da cidade*, chamemos assim os *prolongamentos oníricos que a cidade, qualquer que seja, é capaz de produzir* (Sansot, 1994, p.22-32).

Neste final de século - o mais movimentado da história - e após o esclarecimento que aportou Gilbert Durand sobre as estruturas antropológicas do imaginário, o homem contemporâneo apreende seus próprios contornos seja pelo viés do universo material, seja pela análise do imaginário, chamemos assim os mitos que lhe são próprios. As críticas endereçadas, a uma ou outra dessas duas formas de abordagem, tem como ponto em comum o fato de se fundarem sobre a

propriedade de imiscibilidade da água com o óleo. Isto significa dizer que, segundo a pedagogia prometeana, não se poderia jamais ceder do materialismo histórico em favor da sutileza do imaginário.

Por um outro lado, as descobertas recentes da física quântica tendem a provar que, apesar da incompatibilidade destes dois meios líquidos, é possível compararmos suas ínfimas partículas.

É precisamente isto que o físico francês Bernard d'Espagnat provou numa experiência, onde ele conceitua o princípio de não-separabilidade, e que merece o nome dado por Gilbert Durand de princípio de ubiquidade do fóton (Durand, 1996). Projetando um único fóton - a menor unidade de luz - numa tela perfurada de vários orifícios milimétricos, o físico pôde observar que esta ínfima e indivisível partícula era capaz de atravessar todos os orifícios de uma só vez.

Transpondo este princípio à idéia de imanência da energia social contemporânea, podemos construir a hipótese que os mitos próprios a todas as culturas são presentes a cada instante da vida quotidiana de cada um de nós. Assim, a energia luminosa e a energia social podem ser consideradas como formadas de partículas comparáveis, apesar de suas diferenças. Surpresa espantosa : a mais material de nossas ciências se reúne assim ao sagrado!

Esta constatação transtornou as pesquisas de ponta contemporâneas e deixou seus métodos hesitantes, e é precisamente neste sentido que recorremos a um método descritivo para tentar compreender o estado da socialidade contemporânea.

Elegia da banalidade

Não é minha voz só que canta, tudo ressoa... (Rainer-Maria Rilke)

Para melhor descrever o que dizemos, partamos de uma descrição poética da vida cotidiana pois, após a pintura rupestre, a primeira expressão artística onde podemos destacar a banalidade como objeto estético de análise é a poesia. Na sua reflexão, ao

mesmo tempo angustiada e serena, sobre a vida e a morte, preocupação de todos os mortais, Rilke nos convida a um olhar puro e simples sobre o fenômeno de emissão e recepção da voz. Transpondo esta metáfora à voz social, podemos facilmente inverter a proposição sem contudo modificar sua significação, e constataremos que a ressonância do conjunto das vozes de atores sociais canta no indivíduo **só**, segundo um movimento que nos parece paradoxal.

Em outras palavras, é a prática majoritária de um comportamento qualquer que caracterizaria a unidade de um grupo. Mas para além desta banalidade, seria conveniente atentar para a pluralidade de comportamentos individuais que compõem tal grupo e refletir sobre a memória social da qual estes mesmos indivíduos são portadores: cada um deles possui uma história própria, o que complicaria a caracterização desta mesma unidade. Imperativo se torna remontar no tempo para resgatar o fio condutor que os unira.

Partindo de uma hipótese que privilegie o imaginário - a partir do momento em que o cotidiano urbano é invadido por toda sorte de imagens - necessário se torna nos interrogarmos sobre qual seria o mito mais influente neste imaginário urbano, em um momento em que o conjunto de significados míticos contidos no espírito do tempo contemporâneo - deveras caótico - se reverbera dentro de cada um de nós, nos modificando continuamente.

Pois existem estruturas míticas que, de alguma forma, “regem o céu da alma e a terra das localizações objetivas” (Durand, 1996), e é sobre esta idéia de inspiração jungiana de Gilbert Durand que devemos nos debruçar para melhor discernir suas implicações no tecido social e urbano. Em sua análise sobre as estruturas míticas que perpassam os movimentos sociais, Durand distingue três delas que nos circundam: o mito prometeano - oriundo da *Aufklärung*, da certeza de objetivos - decadente mas ainda presente em nossas pedagogias; o mito dionisíaco, subsistindo fortemente através das diversas mídias; e o ressurgimento do mito de Hermes, o contestatário e alquimista, que transparece no mistério da informação científica pulverizada pelas telas e na proliferação de seitas místicas que abordamos anteriormente.

O crescente e errante enxame de diversas formas de religiosidade é sem dúvida um fenômeno ao qual não se pode negar

importância, pois ele constitui, em todas as suas formas de representação, um objeto fundamental para as pesquisas sócio-anropológicas. Mas o que observamos a partir daí é a relativa, mas a cada dia mais fraca, preponderância da análise judaico-cristã a propósito deste fenômeno, e destacamos que ela não consegue mais dar conta do que está surgindo a um palmo de nossos umbigos. A fórmula luterana que consiste em compreender o Mal como uma parte negada ao Bem (*Malum privatio boni est*) não pode mais ser utilizada, ao menos pelos que não acreditam na existência de um único discurso científico válido.

É na exata medida em que as práticas outrora consideradas malélicas se transformam em manchetes cotidianas, e que de tão difundidas engendram novas compreensões - suficiente relembrar o interesse que as seitas místicas suscitam - que a ciência contemporânea se encontra face à uma nova moral: o trágico como ética estética.

O esgotamento das certezas nos introduziu a uma nova forma de relação aos outros e a nós mesmos, e o surgimento de diversas tribos traduz-se em uma das provas. Os novos grupos não possuem mais as características da tribo original, a família que outrora conhecemos, e se criou uma nova forma de “familiarismo”, mais natural e livre.

O aspecto “mutante e caótico da identidade” destacado por Max Weber teve por consequência o deslizamento da noção de identidade em direção àquela de identificação, e da noção de indivíduo rumo àquela de ator: enquanto a primeira possui “uma função”, a segunda desempenha “um papel”, precisa Michel Maffesoli (Maffesoli, 1991, p.101-103). É na perspectiva deste deslizamento progressivo que se construiu uma nova moral trágica: o reino da *persona* se instaura.

O drama cotidiano vivido pelo homem moderno gravitava em torno de como conduzir sua vida para atingir seus objetivos de conseguir um emprego, construir uma família, uma casa. Estes objetivos, largamente difundidos nas sociedades da *Aufklärung*, foram em seguida ameaçados e, mais ou menos segundo o caso, substituídos por outras formas de existência social. A esta lógica, progressivamente se superpôs uma outra indagação: como gerenciar o vazio oriundo da falta de objetivos?

A moral dramática própria à modernidade, no que concerne aos meios para atingir os fins pré-estabelecidos, de uma certa forma

se exauriu, na medida em que os objetivos se tornaram difusos, engendrando assim uma nova moral: face à dissolução de objetivos, trata-se daqui para frente de aproveitar dos meios. Pois a certeza de um mundo desde sempre existente e imutável transformou-se, efetivamente, em pó com as relativamente recentes descobertas da Física: após o *big bang*, teoria da origem e contínua expansão do universo, haveria o *big crunch*, seu encolhimento até o nada.

Só nos restaria, então, bem aproveitar do tempo que nos resta. Uma perspectiva, certamente, trágica.

Tela trágica

Até aqui tudo vai bem...

Mas o importante não é a queda, é a aterrissagem... (Kassowicz, Mathieu)

Como um desdobramento das intensas e profundas transformações sociais verificadas nos últimos decênios, foi possível verificar o surgimento de novas formas de socialidade erigidas sob a égide de um imaginário compartilhado, oriundo desta vez das telas. Embora efêmeros, os deuses levados em conta são aqueles considerados pela cristalização atual dos costumes. Quer seja a vedete de um filme, quer seja o desportista do momento ou uma imagem virtual, são estes que vão corroborar e fortificar o corpo social e reatualizar o *antigo mito da comunidade*, segundo a idéia de Michel Maffesoli. E ele ainda acrescenta uma interessante indagação: *Devemos aí ver o trágico e cíclico retorno do mesmo?* (Maffesoli, 1991, p.101-103).

Na ausência de uma certeza de respostas objetivas, o pesquisador se atém a inventariar as práticas sociais e nelas destacar os elementos cujos símbolos lhe parecem os mais contundentes. Isto nos permitiria afirmar que até mesmo, ou talvez sobretudo, na esfera científica, não foi possível até aqui encontrar um método que nos pareça inteiramente confiável. Ao esgotamento das certezas se acrescenta a falência do ideal das cidades modernas, onde a crescente violência urbana, objeto de inúmeros trabalhos, é descrita por numerosos filmes.

É nesta ótica que o conjunto das obras de Mathieu Kassowicz e David Lynch assume uma aura particularmente significativa. Enquanto o primeiro enfatiza a crueza do cotidiano nas periferias violentas das grandes cidades, e desta forma nos conduz a uma dura reflexão sobre o quadro urbano contemporâneo, o segundo cineasta, na vi-

são de Teixeira Coelho considera a *atitude enquanto estética*, e é exatamente isto que nos interessa neste momento.

Em sua filmografia, David Lynch parece ter sempre conduzido seu olhar a se focalizar sobre o bizarro, o fantástico e o terrível como um evento próximo da “realidade” cotidiana. É nesta sua atitude de invadir domínios “estranhos” à nossa realidade, que podemos destacar o reflexo de um tempo social - com a estranheza ao alcance da mão - até agora desprezado. A filmografia anglo-saxônica nos oferece ainda outros exemplos sobre o “bizarro” como objeto de análise. *Preaching for the perverted*, recentemente lançado nos Estados Unidos, é uma sorte de elogio às tribos sado-masoquistas que, quando da *avant-première* nova-iorquina, recebeu o filme como sendo o primeiro que mostra o lado positivo (Hollywood 26), dos que são engajados nesta prática, o que mereceria uma análise aprofundada em outra ocasião.

Mas voltemos ao nosso propósito. As sociedades pós-*Aufklärung* parecem ter ultrapassado o fosso que separava o cartesianismo exacerbado do Iluminismo e a sombra das diversas formas de espiritualidade: a explicação elaborada pelos físicos a propósito da transmissão de imagens quando de uma morte violenta (Durand, 1996) - onde Física e Parapsicologia se imiscuem - ou então a escalada de interesse pela alquimia e práticas ditas “ocultistas”, são duas provas deste movimento. Observamos desta forma o retorno do “pensamento selvagem” e da “atitude bárbara” como elementos consistentes da construção do imaginário contemporâneo - com a estranheza ao alcance da mão - onde o surgimento de tribos sado-masoquistas é neste sentido, e de uma certa maneira, iluminadora.

Restabelece-se desta maneira a forma em espiral de desenvolvimento de relações sociais que abordamos no início. Em seu estudo topológico dos bairros, Pierre Sansot distingue num mesmo capítulo de seu livro os lugares sinistros dos bairros suspeitos, embora ambos pareçam pertencer escreve ele, *à face obscura da cidade* (Sansot, 1994, p.265-276), que é ao mesmo tempo construída pelo homem e o constrói cotidianamente. Ele ressalta em sua análise o fato de que o bairro suspeito encontraria suas origens na geografia econômica da cidade e seria determinável no espaço, enquanto que os lugares sinistros existiriam por sua vez em certas horas e em certos lugares, às vezes

mesmo se reproduzindo através da cidade. A esse respeito, o que dizer das *sex shops* que vendem artigos sado-masoquistas? Devemos ver nisto uma espécie de sacrifício tribal onde o homem se consome? Poderíamos dizer que estas lojas seriam um desdobramento da cultura de consumo rumo a uma cultura da “consumação”?

Para além do encolhimento do consumo neste fim de século - tal como é propagado pelos economistas - e que nos parece ser um dos sinais da falência do ideal da cidade moderna - erigido sob a insígnia do mercado - nós podemos assistir ao *desenvolvimento da tecnologia do longínquo (telos)* (Maffesoli, 1991) - uma tecnologia que aliás desemboca na formação de cidades virtuais - o que nos reconduz às raízes greco-romanas do ideal das cidades ocidentais.

O berço mítico da Grécia helenística tem sido sempre uma fonte de inspiração para a ciência, e a ele nos reportaremos para iluminar nossa reflexão. A bacia mediática que banha as sociedades contemporâneas ocupa um lugar cada dia mais importante no cotidiano urbano, onde, para escapar de engarrafamentos e poluição (Freitas, 1996), o homem reconcentra-se em ilhas e se refugia pela errância. Para circular neste novo terreno, um oceano de informações, ele utiliza-se de novos veículos, os utensílios mediáticos, desta forma se aproximando dos heróis míticos que transpunham os mares helenísticos, os Argonautas.

Como que para exemplificar o *retorno do mesmo* evocado por Michel Maffesoli, e seguindo a hipótese de Gilbert Durand a propósito do ressurgimento de mito de Hermes, intuitivamente somos conduzidos a refletir sobre o mito de Medéia, descendente do deus do sol Hélios, fonte primeva de luz, uma luz que atualmente emana das telas.

Concernindo à cristalização progressiva do deslizamento progressivo da sociedade de consumo rumo à sociedade de consumação, feliz expressão de Georges Bataille, os *web-surfers* são o exemplo mais significativo do que acabamos de expressar. Convém também sinalizar que o surgimento de *shopping centers* virtuais corresponde a um duplo movimento mítico, característico ao mesmo tempo de altares rituais de sacrifício e lugar de sentimentos heróicos: ao trágico e perpétuo movimento de re-fundação, paradoxal em si mesmo, se adiciona o teatro de simulacros de sacrifícios.

Em suma, é na navegação através dos oceanos de informação que se forma a cul-

tura urbana contemporânea, e é por causa da desmesura, a *Hybris* grega que renasce sob nossos olhos através uma mistura de loucura e sabedoria, que podemos nomeá-la de *cultura mediática*.

Pois é na abordagem simultânea do universo material e do imaginário que o homem contemporâneo se aproxima dos heróis e deuses todo-poderosos, e é entre a estrada perdida da Modernidade e a multiplicação *ad infinitum* de ilhas urbanas de Pós Modernidade que podemos encontrar um paralelo digno de uma profunda reflexão.

Sobretudo não esqueçamos que, além do fato de ter nascido em Medes, região da Pérsia, parte integrante do oriente mítico do homem, podemos encontrar pela via etimológica a origem do nome de Medéia num verbo grego que significa meditar, imaginar, tramar. Exatamente o que nos leva a refletir sobre o papel do imaginário na trama do tecido social e urbano contemporâneo, compreendido como uma rede de redes.

Paulo Bellinha

• *Arquiteto, Doutorando em Sociologia pela Universidade Paris V/Sorbonne.*

Bibliografia

- DURAND, G. *Introduction à la Mythodologie*. Paris: Albin Michel, 1996.
- DURAND, G. *Les Structures Anthropologiques de l'Imaginaire*. Paris: Dunod, 1992.
- FREITAS, R. *Centres Commerciaux, îles urbaines de la Post-modernité*. Paris: Harmattan, 1996.
- HOLLYWOOD 26 Revista semanal do canal temático *Ciné-Cinemas* da televisão francesa.
- MAFFESOLI, M. *Le Temps des Tribus*. Paris: Poche.
- SANSOT, P. *Poétique de la Ville*. Paris: Méridiens Klincksieck, 1994.
- COELHO, T. O Cinema da Atitude, *Folha de São Paulo*: Caderno Mais! 24/04/97.